

Nos limites dessa interpretação, e para comprová-la suficientemente, analisa os heróis sob diversos ângulos: qualidades intelectuais, morais, perspicácia, inteligência, espírito, coragem etc., definidos na obra pela caracterização ou pela ação, como se vê das várias passagens transcritas.

Na mesma oportunidade, esclarece aspectos das personagens, como a relação curiosa que existe entre a aparência física e o modo de ser psicológico. Como um recurso agradável, o A. faz desfilar a gentil galeria das donzelas alencarianas, as quais nos são apresentadas em momentos diversos, o que determina a variedade dos trajés e das atitudes, ocasião para que o leitor, guiado pelas observações do ensaísta, descubra outras constantes estilísticas de Alencar, principalmente no que se refere à criação e movimentação do seu mundo feminino.

Um estudo da obra do romancista de *O Guarani* não pode esquecer a presença dos animais que, em certos casos, são elementos integrantes do enredo. Mas é preciso atentar para uma particularidade: "Os personagens alencarianos do tipo herói têm, entre os seus traços de família, que são muitos, um domínio quase miraculoso sobre os animais. Não sobre cães e gato e outros bichos domésticos, mas sobre aqueles com que os homens não costumam cultivar relações de intimidade. Burro, boi, cobra, porco. E animais silvestres que se domesticam, ou, melhor, se abrandam e se suavizam, dominados pelos fluidos órficos que o herói irradia, e se tornam xerimbados" (p. 111). Nessa linha de raciocínio, desdobram-se as apreciações sobre a copiosa e interessante fauna que anima as páginas de ficção do escritor cearense, inclusive aquelas que aproximam a criação literária das bases folclóricas inegáveis, pois o boi Dourado (de *O Sertanejo*) descende do Rabicho da Geralda, sem prejuízo de outro parentesco, como o do touro negro que matou o Conde dos Arcoz (p. 124).

Para não ficar apenas nos pontos positivos, C.P. justifica, em face da grande extensão da obra, alguns cochilos, repetições ou mesmo emprêgo de lugares-comuns. São, porém, insignificantes, como também são as propaladas influências sofridas pelo escritor. Se existirem, o número é pequeno e mais do que compensado por aquelas dítadas pela obra, amplas, indiscutíveis, e com o sánete consagrador da popularidade.

Ao terminarmos a leitura deste trabalho, aplaudimos sua dedicatória à mocidade universitária, mas acrescentamos que todos se beneficiarão de sua leitura, mormente os estudiosos da Literatura Brasileira. — Rolando Morel Pinto.

ESTACIO DE LIMA, *O Mundo Estranho dos Cangaceiros*, Salvador, Editorial Itapoã Ltda., 1965, 327 pp.

O fenômeno do Cangaço, de acentuadas peculiaridades nordestinas, tão tristemente famoso pelas tradições de crueldade, ou, ao contrário, aureolado pelo sopro épico da poesia folclórica, passou a constituir, depois do desaparecimento dos bandos organizados, um tema sedutor para o teatro e o cinema, a inspirar uma obra de ficção que veio continuar uma temática antiga, além de despertar o interesse de estudiosos sérios, das mais diversas especialidades. Neste roteiro, é das mais louváveis a iniciativa das Cadeiras de Literatura Brasileira e Teoria Literária, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com apoio de outras instituições, em destaque o Instituto de Estudos Brasileiros, promovendo um curso de extensão cultural em torno do fenômeno,

no qual estão sendo revistos os variados aspectos do banditismo das caatingas e sua implicação ou repercussão na realidade nacional.

Para nós que vimos acompanhando o referido curso, nada mais oportuno que a leitura de algumas obras relacionadas com o assunto. Entre essas, está o presente trabalho do Professor Estácio de Lima, que é, sem favor algum, uma contribuição eficiente para a compreensão científica do fenômeno perturbador, felizmente desaparecido.

Logo nas palavras introdutórias, o A. adverte sobre a intenção de seriedade do ensaio, "bastante meditado", e de propósito vazado em estilo simples, despojado, tanto quanto possível, de terminologia científica, e até com "certos coloridos literários, naturais do (seu) temperamento" (p. XIII). O interesse do A. às vezes ultrapassa os limites da equação científica rumo a uma identificação quase afetiva com o drama daquelas estranhas criaturas que escreveram, na semi-inconsciência de suas ignorâncias, páginas sangrentas dos sertões. O professor, escudado nas lições da ciência e com a tarimba de Presidente do Conselho Penitenciário da Bahia, logo percebeu que os "grandes e impetuosos delinquentes" eram passíveis de plena reabilitação, pois se distinguiam dos criminosos vulgares e malandros dos grandes centros; eram antes, "criaturas graves, de alma empedernida, e de coração delicado" (p. XIV).

A fim de analisar os motivos que explicam o caráter *sui generis* do cangaceiro, E. de L. distribui a matéria do seu livro praticamente em duas partes: "Visão do Problema" e "As Brigadas e as Persiga", pois a terceira parte, muito menor, resume-se no "Epílogo", isto é, nas conclusões finais.

Foi das mais felizes a disposição da matéria desta obra: enquanto na "Visão do Problema" temos, em panorama, a vida sertaneja, em primeiro plano, a dos cangaceiros, a parte seguinte é um longo depoimento de Labareda, um dos famosos cabras de Lampião, que escapou à dizimação do bando, quando foi este surpreendido pelas forças sob o comando de Bezerra, no valhaçoito de Angicos, em julho de 1938.

Através do estudo do meio, o A. mostra as condições adversas enfrentadas pelos sertanejos, por causa da aspereza do clima, do atraso da região, em face das cidades do litoral, mais civilizadas, atraso que se deve ao abandono do Nordeste, pelas autoridades do País (p. 3). O conjunto de circunstâncias negativas condicionou o tipo de banditismo da região que, por isso mesmo, distingue-se de outros que se tornaram igualmente célebres na Sicília ou na América do Norte. Ao lado das condições fisiográficas, o A. lembra a ação das deformações sociais, que vitimavam os mais humildes, tais como a indiferença dos poderes constituídos, incompreensão e injustiças. Exemplo eloquente é do jovem lavrador Angelo Roque que, por falta de assistência judicial, foi empurrado para o crime e se transformou no perigoso Labareda (p. 11). Entre essas deformações, está o coronelismo, uma das mais nefastas instituições, cujos delitos prejudicaram o progresso de toda a área do Nordeste (p. 13 et seqs.). Aproveitando-se da pobreza da região, esses régulos exerciam, com verdadeiro absolutismo, amplos poderes, escudados na privilegiada situação econômica. Em torno de suas "casas-grandes" reuniam-se bandos armados, para as estrepolias da política regional, ou a serviço do ódio de famílias, que se dizimavam por questões de terras ou outras mais fúteis. Para esses bandos eram recrutados os foragidos da justiça, com a vantagem de já estarem marcados pelo crime e por trazerem, por isso mesmo, motivos de conformada submissão (p. 16).

No meio da triste miséria da maioria dos habitantes do sertão árido, as regalias de que gozavam os cangaceiros, mais de fama que de verdade, diga-se de passagem, não deixaram de constituir um atrativo para os jovens decididos, que viam suas energias exaurirem-se numa labuta mal remunerada e despidia de quaisquer perspectivas. No cenário cinzento dos casebres precários, onde escasseavam os alimentos e faltava por completo a higiene e a instrução, a vestimenta espalhafatosa do cangaceiro era, além de uma nota colorida, tentador convite para a aventura, na companhia daqueles homens e mulheres que o povo simples origia à categoria dos mitos.

São esses fatores externos realmente os principais responsáveis pelo Cangaço, banditismo de caracteres típicos, tanto que se circunscreveu espacial e temporalmente. Essa opinião do A. fundamenta-se no estudo científico do homem, pelo qual concluiu que se não deve arguir interferências étnicas na elucidação do fenômeno Lampião, e dos demais cangaceiros; chegaram ao crime por uma série de motivos, mas não de natureza racial (p. 33). Quando muito, podem-se lembrar as condições "ideais" de um cangaceiro, como o tipo somático capaz de adaptar-se às duras exigências da vida nas caatingas, e a idade jovem, pelos motivos óbvios.

Em outro capítulo, o A. demora-se no estudo da mulher sertaneja e da sua presença no bando. Antes, examina o baixo índice de criminalidade do elemento feminino e, a seguir, dirige o foco de visão para aquelas mulheres que integraram os bandos, como simples companheiras dos cangaceiros, ou como elementos marcantes, que participaram, em pé de igualdade com seus homens, de muitos combates. O A. refere-se a dezenas delas, dando destaque especial a figuras da importância de Maria Bonita, a romântica companheira de Lampião (p. 57), a Lídia, bela e irrequieta sertaneja, vítima dos ciúmes e da vingança cruel do Zé Baiano (p. 61), e Dadá, em que salienta a personalidade original e traça o perfil, com simpática compreensão. Sobrevivendo às contínuas lutas, ao lado de Curisco, ela se tornou excelente mãe de família, comprovando assim a teoria do A.

Ao estudar a criança sertaneja, em relação ao Cangaço, volta o A. a insistir na tese sobre a capacidade de reabilitação dos cangaceiros. Note-se, no entanto, que ele não fica apenas no episódico dos fatos; passa a considerações outras sobre o problema infantil no NE., a partir das dificuldades que sofriam as mulheres no tempo da gestação e, principalmente, na época do parto. São lembrados esses problemas daqueles conjuntos de fugitivos que, apesar das lendas, não passavam de pobres seres humanos, sofrendo, como os outros, as limitações da pobreza e mais ainda, em virtude da própria condição de pessoas caçadas pelas polícias de vários Estados. Assim, desde o nascimento, as crianças passavam pelas mais difíceis provações, e poucas escapavam aos perigos que as ameaçavam na tenra idade. Os de fora, cresciam enfrentando uma existência sem horizontes ou possibilidades, condenados previamente à condição de dependente dos coronéis. Muitos viam, com admiração, a decantada liberdade dos cangaceiros.

O ingresso dos jovens nos bandos é outro tópico examinado com toda isenção. Não eram raros os contatos de meninos com os cangaceiros, mas poucos se engajavam. Não eram aliciados, pelo contrário. A incompreensão das autoridades era a maior responsável pelo descaminho dos rapazes. Saracura foi uma dessas vítimas (p. 90). Se tivesse havido equação do problema, dentro de coordenadas sociais, ter-se-ia evitado o alastramento da criminalidade. Sob esse aspecto, a "sociedade foi madrasta" (p. 93). Dentro desse ponto de vista está

o arrazoado que o A. apresentou em defesa de Volta Sêca, um dos mais jovens cangaceiros do Nordeste.

A coerência da opinião do A. percebe-se ainda no capítulo V, onde são estudados os costumes, hábitos e credences dos sertanejos. É surpreendente, para aqueles que não têm a mínima vivência do sertão, o conhecimento da vida "religiosa" dos homens do cangaço: mistura de crenças fáceis e fé ingênua, obedecendo aos princípios da Igreja, respeitando os sacerdotes, mas persistindo na trilha do crime, em verdadeiro estado de inconsciência do pecado. São transcritas várias orações "fortes", algumas encontradas entre os pertences de Lampião. Da linguagem ao conteúdo, espelha-se a pobreza intelectual daqueles infelizes analfabetos.

Esses documentos, seguidos do exame dos pouquíssimos hábitos de higiene e dos poucos recursos da medicina primitiva com que combatiam as doenças que assolavam os integrantes do bando, constituem excelente material para os estudiosos da sociologia e da geografia humana da região. São páginas originais, pois nem sempre são lembrados esses pormenores que revelam os pobres homens que se escondiam atrás das máscaras dos bandidos (p. 150/4).

Espécie de *intermezzo* lírico é o capítulo dedicado às "Cantigas e Cantores" (p. 135). Servindo-se de pequena documentação, o A. faz ligeira incursão no campo da poesia folclórica, salientando as trovas que perpetuaram as façanhas dos heróis, dos quais o mais popular é Virgulino Ferreira, o Lampião, mas focalizando também a figura de Gitirana, cuja fama de cangaceiro competia com a de trovador popular (p. 157). Nessa poesia encontram-se os elementos de respeito e saudade, pois os cangaceiros eram tidos como símbolo de uma revolta contra um estado de coisas, cheio de erros prejudiciais. É por isso que o A. conclui: "As pequenas virtudes que possuía o cangaceiro continuam a hipertrofiar-se na imaginação popular" (p. 163).

Corolário dessa primeira parte, de caráter explanatório, é o depoimento de Labareda, colhido cuidadosamente, a fim de se chegar o mais próximo possível da autenticidade. Conforme o A. nos explica, o antigo cangaceiro foi pacientemente reconstituindo os fatos principais que iam sendo registrados na fita do gravador. Na transcrição fiel, foram tomadas as necessárias precauções, para a adequação da ortografia à prosódia. As soluções encontradas são apresentadas previamente. Embora essas explicações não se revistam de rigoroso cunho lingüístico, fixaram, pelo menos, o critério adotado.

A margem do pitoresco dos fatos recordados por Angelo Roque, está o retrato de uma realidade, o qual adquire máxima importância, porque é feito espontaneamente, sem os prejuízos e preconceitos críticos, sem as possíveis distorções de espírito analista que os visse de fora. Reproduzindo as façanhas do seu grupo, lembrando os bons e maus momentos passados nos anos de correria sem tréguas nos cerrados e chapadas, vai delineando, sem perceber, o esboço de uma estrutura social realmente anacrônica, responsável direta pelo estado de descalabro a que haviam chegado as populações sertanejas. Comove o leitor de hoje a simplicidade com que são contadas cenas escabrosas e acontecimentos rotineiros da vida dos grupos, como se tudo não passasse de naturais incidentes, sem maiores conseqüências. Essa naturalidade de expressão é o melhor argumento de defesa desses homens que, à luz de uma compreensão desprevenida, no teor dessas que apresenta E. de L., passam a ser considerados como vítimas, não como algozes. — *Roiando Morel Pinto*